

As atividades fantásticas de Stephen Weinberg

VENTURA E DESVENTURA DE UM GRANDE IMPOSTOR

(Condensado de «The American Mercury»)

Por Irwin Ross

STANLEY CLIFFORD WEYMAN era conhecido nas Nações Unidas como um repórter de fala macia e grande passado internacional. Trabalhara ali quase dois anos antes que seus colegas percebessem o quanto eram realmente notáveis seus antecedentes. Num período de 40 anos, o simples Stan fôra, entre outras coisas, cônsul norte-americano em Marrocos, embaixador do Peru nos Estados Unidos, Cônsul-Geral da Romênia em Nova York, adido militar da Sérvia em Washington, técnico em assuntos de medicina na América do Sul, perito em protocolo do Departamento de Estado, oficial da Fôrça Aérea, oficial de Marinha e especialista em reformas presidiárias.

Só havia um ponto fraco: êle mesmo se designava para todos êsses cargos. Pois Stanley Clifford Weyman era um dos impostores mais talentosos e cheios de imaginação que já taparam os crédulos ianques. O Bureau Federal de Investigações, o Departamento de Estado, a polícia de Nova York, conheciam-no bem, sob muitos nomes, inclusive o verdadeiro: Stephen Weinberg.

A aparência de Weinberg nada tinha de especial: um homenzinho murcho, agora com 60 anos, pálido, de roupa desbotada. Despreocupado e de fala macia, nada tinha da exuberân-



cia de um vigarista. Através de toda a sua carreira parecia mais interessado em obter honrarias do que em encher a carteira. Mas era de uma audácia sem limites e sabia como ninguém usar um uniforme.

Sua habilidade como impostor veio-lhe de longa prática; raramente exercia outra profissão. Nascido numa zona pobre de Brooklyn e educado nas escolas do local, aos 18 anos fôra eleito o único delegado do sexo masculino ao Conselho Nacional do Sufrágio Feminino. Frequentou, também, o Colégio de Tática Política de Charleston, no Estado da Carolina do Sul—instituição cuja existência nunca foi claramente estabelecida. Usava, na sua corrente de relógio, um emblema universitário.

Logo começou a exhibir, audaciosamente, documentos comprobatórios de sua designação para cônsul dos Estados Unidos em Marrocos. Mas o novel cônsul não tardou a ver-se em apuros. Foi apanhado roubando uma máquina fotográfica e despachado para o Reformatório Estadual de Nova York.

Tendo obtido livramento condicional em junho de 1913, em dezembro retornava ao xadrez—por se ter feito passar, simultaneamente, por adido militar da Embaixada da Sérvia e tenente da Armada Norte-Americana!

Após o segundo livramento condicional, em março de 1915, adquiriu um deslumbrante uniforme azul, guarnecido de um cordão dourado

e de dragonas, e um chapéu de almirante que ostentava uma pluma. Assim ataviado, apresentou-se no Hotel Astor como o Capitão-de-Corveta Ethan Allen Weinberg, Cônsul-Geral da Romênia em Nova York. Quis dar um banquete. Os preparativos já iam bem adiantados quando alguém observou que o Cônsul Weinberg parecia demasiado jovem para aquêle cargo e tinha os sapatos muito gastos. O banquete foi cancelado.

O Capitão-de-Corveta compareceu depois a bordo do couraçado *Wyoming*, fundeado no Rio Hudson. O Comandante mostrou o navio todo ao diplomata romeno, tendo Weinberg retribuído pomposamente o gesto com um banquete aos oficiais num hotel de Nova York. Mas um investigador também compareceu à festa. Weinberg não tardou a ser recambiado para a prisão, de onde só saiu em fins de 1916.

Ao entrarem os Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, Weinberg comissionou-se como o Tenente de Aviação Royale St. Cyr. Descobriu também as delícias do sensacionalismo de imprensa—primeiro bombardeando os jornais com a declaração de que iria casar-se com uma famosa atriz de cinema, e depois anunciando que planejavam divorciar-se, para que um pudesse adotar o outro. Mas St. Cyr viu-se envolvido num pequeno caso de falsificação. Quando a polícia o agarrou, estava êle realizando uma inspeção formal no depósito de mate-

rial bélico do 47º Regimento, em Brooklyn. Pouco depois retornava às grades—na prisão da Ilha de Blackwell.

A época áurea de Weinberg iniciou-se em 1920, quando êle tinha 29 anos. Uma companhia de melhoramentos de Nova York procurava um médico para ir ao Peru a fim de supervisionar a execução de obras sanitárias. Entre os candidatos estava o Dr. Clifford Wyman, que ali compareceu caminhando com displicência num uniforme da Marinha. Foi comunicado aos candidatos que um médico da Universidade de Colúmbia os entrevistaria e indicaria um dêles à companhia. Três dias depois o médico aconselhou que contratassem com urgência o Dr. Wyman, o que foi feito. O médico da Universidade narrou, posteriormente, o que se passara. Wyman precipitara-se para êle, cumprimentando-o calorosamente e assegurando-lhe que era um grande admirador de sua obra. O ingênuo doutor supôs que se tratasse de um de seus alunos. Wyman *expressava-se* positivamente como um médico, recordou êle. (Weinberg fôra por muito tempo um entusiasta da Medicina, metido sempre na Universidade de Colúmbia.)

Wyman embarcou para Lima com uma Sra. Wyman que êle havia conseguido algures. Instalou-se num palacete (mas descuidou-se de pagar o aluguel), comprou um carro e assumiu suas funções. Teve um êxito extraordinário—graças ao simples

expediente de aprovar o que encontrou e evitar discussões técnicas. Foi um faustoso anfitrião e uma figura popularíssima—até que a companhia descobriu a identidade do Dr. Wyman. Sua espôsa persuadiu a companhia a não chamar a polícia.

Em julho de 1921, a Princesa Fátima do Afeganistão e seus três filhos chegaram ao Waldorf Astoria, em Nova York. A indumentária exótica da princesa, a jóia que usava no nariz e o seu brilhante *Rio da Glória*, de 42 quilates, deslumbraram aquela cidade saturada de emoções. Entre os dignitários que vieram apresentarlhe suas mensagens estava o Dr. Sterling Clifford Wyman, Capitão-de-Corveta da Marinha Americana, representando o Departamento de Estado dos Estados Unidos, onde era um dos peritos em protocolo. O Dr. Wyman, como posteriormente se verificou, tinha uma dupla missão. Fôra designado pelo Departamento de Estado para servir como secretário da Princesa—que, para tanto, deveria arcar com as suas despesas; além disso, achava-se interessado em levar o *Rio da Glória* para vender. Wyman revelava ter impressionantes ligações com importantes firmas comerciais, e por isso recebeu procuração para vender o brilhante. Alguns dias depois tôda a comitiva partiu para Wanshington, depois de ter o Dr Wyman assegurado à Princesa que o Presidente da República estava ansioso por recebê-la. Promoveu êle a audiência

comunicando-se com o Departamento de Estado. Em seguida, envergando um resplendente uniforme branco de capitão-de-corveta do Serviço de Saúde da Marinha, fêz pomposamente as apresentações na Casa Branca, posou para os jornais cinematográficos e levou a comitiva à presença do Ministro do Exterior.

Wyman dirigiu todos os detalhes da festa—incluindo-se pagamento aos repórteres e cinegrafistas, o que, informou êle à Princesa, constituía uma praxe no país. Foi-lhe também entregue a importância necessária para pagar o Willard Hotel, pormenor que não mereceu a menor atenção do Comandante. De volta a Nova York, a Princesa inesperadamente recusou-se a permitir que Wyman levasse o brilhante para Atlantic City, onde êle afirmara que poderia vendê-lo. Tão depressa como surgira, o Comandante Wyman desapareceu.

Em seguida (agora como Capitão Rodney Sterling Wyman), voltou suas atenções para a política. No auge da campanha para eleição do Prefeito de Nova York, instalou-se numa cadeira no quartel-general do Partido Democrático. Não fôra designado para o seu cargo. Reconstituída a história, apurou-se que Weinberg tinha entrado ali, com tôda a calma, atrás do diretor da campanha eleitoral do Prefeito Hylan. Vendo os dois juntos, os subalternos pensaram que Weinberg tivesse sido recrutado pelo chefe e não fizeram nenhuma objeção quan-

do êle, tomando posse de uma mesa vaga, começou a trabalhar. Weinberg era um voluntário assíduo, chegava ao escritório antes dos outros e abria a correspondência, que quase sempre continha contribuições para a campanha. Um dos empregados acabou desconfiando, e a carreira política de Weinberg terminou.

Algumas semanas depois, o Dr. Adolph Lorenz, o famoso "cirurgião sem sangue" de Viena, chegou aos Estados Unidos. O "Dr. Clifford Weyman" visitou-o imediatamente e explicou-lhe que o Dr. Royal S. Copeland, Diretor de Saúde, o designara para servir como secretário do Dr. Lorenz e "cuidar de tudo para êle". O Dr. Lorenz ficou encantado com aquela gentileza, e o Dr. Weyman instalou-se logo na clínica gratuita do Dr. Lorenz, no Hospital de Moléstias das Articulações, de Nova York. Um telefonema anônimo levou a descobrirem que o Dr. Weyman estava exigindo gratificações dos doentes pobres que queriam ser examinados ali pelo grande médico, e êle foi precipitadamente afastado.

Quando êsse fato saiu nos jornais, um dos filhos da Princesa Fátima reconheceu o Dr. Weyman. Weinberg foi detido por ter-se feito passar por oficial da Marinha e condenado a dois anos de prisão.

Seu encarceramento deu-lhe um senso profundo de dever cívico. Em 1925 êle apareceu em Sing-Sing como perito em reformas de regimes

penitenciários, protestando contra a execução de um prisioneiro. Weinberg levantou um grande tumulto—até que Lawes, diretor daquela penitenciária, o reconheceu.

Em 1926, quando os jornais relataram que Pola Negri tinha ficado abaladíssima com a morte de Rodolfo Valentino, o sempre prestimoso Dr. Wyman compareceu ao seu hotel dizendo-se velho amigo de Valentino, e dali a pouco era o médico da estrêla. Não tardou muito que êle estivesse colaborando nas providências relativas ao funeral. Quando chegou o dia, o carro do Dr. Wyman—com uma sirena de polícia—era logo o primeiro atrás do côche fúnebre.

Pouco depois dos funerais, os jornais da cidade receberam uma carta do empresário de Valentino pedindo fôsse publicado um relatório médico sôbre o estado do astro antes da operação a que se submetera, a fim de demonstrar a falsidade dos boatos segundo os quais algo de ilícito ocorrera. Ao pé da carta havia uma nota manuscrita: “Êste relatório foi elaborado conjuntamente por três cirurgiões e por Sterling C. Wyman, médico legista e perito, de quem Valentino foi grande amigo”. O nome do Dr. Wyman intrigou um repórter e foi assim que terminou o caso Valentino.

Apareceu êle na Universidade de Middlesex, uma nova escola de Medicina no Estado de Massachusetts, como Comissário de Doenças Mentais do Estado de Nova York e leu

um erudito trabalho sôbre “A loucura como atenuante”. Em 1927 dirigia pelas ruas de Nova York um carro branco com a legenda “Terceiro Esquadrão de Caça”, metido num uniforme muitíssimo semelhante ao de um oficial da Fôrça Aérea—mas não tão igual que pudessem processá-lo por isso. Quando começou a exercer a advocaciã sem os requisitos necessários, teve de passar uma boa temporada por detrás das grades.

A década iniciada em 1930 foi relativamente calma para Weinberg. Mas, ao irromper a Segunda Guerra Mundial, êle se instalou num hotel de Nova York e, como Consultor do “Serviço de Recrutamento”, dirigiu uma escola de tapeadores, ensinando a simular a surdez, a debilidade mental e outros males. Quando o caso foi descoberto pelo Bureau Federal de Investigações (FBI), os alunos divulgaram a fraude e nove dêles foram condenados com Weinberg, cuja pena foi de sete anos de prisão.

Tendo conseguido, pelo seu bom comportamento, novo livramento condicional, Weinberg deixou a prisão em 1948. Com o nome de Stanley Clifford Weyman pediu um emprêgo a Robert Erwin, chefe da Agência de Notícias Erwin. Especializada em mandar notícias de Washington para jornais e estações de rádio do interior, a agência estava iniciando um serviço para os países da América Latina e Weinberg propôs-se a colhêr matéria variada nas

Nações Unidas. Afirmou que era um antigo jornalista, publicitário e estudioso dos assuntos latino-americanos. O Sr. Erwin ficou tão bem impressionado ante os conhecimentos e a vivacidade de Weinberg que não lhe ocorreu pedir referências, e logo o acreditou junto às Nações Unidas, dando-lhe um emprêgo de meio dia de trabalho. "Não era um brilhante redator", diz o Sr. Erwin, «mas tinha faro para as notícias que poderiam interessar aos leitores de jornais e parecia conhecer todo o mundo».

Uma vez acreditado, foi-lhe relativamente fácil arranjar emprêgo no *Daily Mirror*, de Londres, que lhe pagava por produção, e tornar-se correspondente nas Nações Unidas de uma pequena estação de rádio, onde fazia um comentário diário de cinco minutos. Uma vez por semana, também levava os maiores das Nações Unidas ao seu microfone, para serem entrevistados por um grupo de repórteres; os chefes das delegações da Grécia, do Egito, da China, do Sião, do Haiti, ali compareceram por iniciativa sua.

Weyman caiu de maneira especial nas graças da delegação siamesa, por ter conseguido convencer o pessoal

de que fôra, durante a guerra, agente dos Serviços Estratégicos dos Estados Unidos no seu país. No começo de 1951, o Embaixador Wan Waithayakon estava para nomeá-lo agente de publicidade, conferindo-lhe inclusive prerrogativas diplomáticas. Para Stanley Clifford Weyman era um velho sonho que se tornava realidade.

Cometeu então um êrro fatal. Escreveu ao Departamento de Estado, em 7 de março de 1951, informando-se quanto às conseqüências da aceitação dêsse cargo sôbre a sua cidadania americana. O Departamento de Estado examinou a ficha de Weyman e o telefone funcionou entre Nova York e Washington. Passada a agitação, a Agência de Notícias Erwin cancelou as credenciais de Weyman como seu representante junto às Nações Unidas, a autoridade responsável pelo seu livramento condicional encaminhou-o para serviços fora dos círculos diplomáticos e a delegação siamesa ficou muito sem jeito. E todos ficaram meio tristes, pois o bom velho Stan fôra um camarada agradável, que tinha um extraordinário poder de influenciar pessoas.

O que você conhece não lhe fará mal

O EMINENTE médico William Osler disse certa vez que se uma pessoa descobrisse no princípio da vida que sofria de uma doença crônica, provavelmente não morreria dessa doença. O doente tomaria todo o cuidado com relação à sua deficiência, não permitindo que o mal progredisse. Alguma doença a que êle não desse atenção é que poderia prontamente fazê-lo sucumbir.

—Dr. Louis E. Bisch